

TEMPO DE MATAR

JOHN GRISHAM

TEMPO DE MATAR

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

Para Renée,

Uma mulher de beleza fora do comum,

Uma amiga incondicionalmente leal,

Uma crítica compassiva,

Uma mãe exemplar,

Uma esposa perfeita.

NOTA DO AUTOR

Uma vez que tenho tendência para iniciar projetos que nunca chegam ao fim, o meu objetivo ao começar a escrever este livro foi terminá-lo. Eu imaginava uma pilha de páginas dactilografadas num canto do meu escritório, para a qual, um dia, poderia apontar com um certo orgulho e dizer a clientes e amigos que ali estava o livro que escrevi. Certamente, em qualquer sítio, nos mais profundos recessos da minha mente, sonhei vê-lo publicado, mas, para ser franco, não me lembro disso, pelo menos não quando comecei a escrever. Seria a minha primeira tentativa no género da ficção.

Comecei no outono de 1984, três anos depois de me formar em Direito e muito inexperiente ainda. Naqueles primeiros anos da minha carreira, eu passava muitas horas nos tribunais, a observar o trabalho de bons advogados. O ambiente do tribunal sempre me fascinou — ainda hoje me fascina. Nos tribunais, as pessoas falam de coisas que nunca ousariam mencionar fora de casa. Os grandes dramas não ocorrem nos ecrãs ou nos palcos, mas nos inúmeros tribunais deste país.

Certo dia, assisti a um julgamento terrível, no qual uma menina testemunhava contra o homem que a tinha violado brutalmente. Foi uma experiência avassaladora para mim e eu era apenas um espectador. Num momento, ela era toda coragem, no outro, dolorosamente frágil. Fiquei estupefacto. Não podia sequer imaginar o pesadelo pelo qual a menina e a família tinham passado. Pensei no que faria se fosse minha filha. Enquanto eu a via sofrer em frente do júri, tive vontade de matar o violador. Por um breve, mas interminável momento, desejei ser seu pai. Eu queria justiça. Havia uma história em tudo aquilo.

Fiquei obcecado com a ideia de vingança do pai. Que faria um júri de cidadãos comuns com um pai que tivesse feito justiça pelas suas próprias mãos? Naturalmente, vê-lo-iam com muita simpatia, mas o suficiente para uma absolvição?

A ideia deste livro ganhou corpo num período de três meses, durante os quais quase não pensei noutra coisa.

Escrevi o primeiro capítulo à mão num bloco vulgar e pedi a Renée, minha mulher, que o lesse. Ela ficou impressionada e disse que gostaria de ler o segundo capítulo. Um mês depois, entreguei-lhe os capítulos dois e três e ela ficou completamente encantada. Renée lê cinco ou seis livros por semana — mistério, *suspense*, terror, espionagem, todo o tipo de ficção — e não tem paciência para uma história que não a cativa.

Abordei a escrita deste livro como um passatempo, uma hora aqui, uma hora ali, e, impondo-me vagamente a disciplina de pelo menos uma página por dia, nunca o abandonei. Lembro-me de um período de quatro semanas em que não escrevi nada. Ocasionalmente, saltava um dia, mas de um modo geral prosseguia com teimosa diligência. Na minha opinião, a história era maravilhosa, mas tinha dúvidas quanto à minha capacidade de a escrever. Renée gostou e eu continuei.

Ao cabo de um ano, admirei-me da rapidez com que a pilha de páginas aumentava e percebi que tinha chegado ao meio do livro. O objetivo original foi esquecido e surpreendi-me a pensar em contratos de publicação, direitos de autor, almoços elegantes com agentes e editores — os sonhos de todo o escritor não publicado.

Três anos depois de ter começado a escrever, Renée leu o último capítulo e mandámos o manuscrito para Nova Iorque. O título provisório era *Deathknell* (Toque de Finados), uma péssima ideia que foi abandonada assim que o manuscrito aterrou no escritório do meu novo agente, Jay Garon.

Jay tinha lido os três primeiros capítulos e imediatamente me enviou um contrato de representação. Dezasseis outros agentes tinham recusado, bem como uma dezena de editores. Jay aceitou o manuscrito e disse-me que comesse a escrever outro livro. Segui o seu conselho.

Passou um ano e nada aconteceu. Eu estava a meio do meu segundo livro, *A Firma*, quando Jay telefonou, em abril de 1988, com

a notícia maravilhosa de que o meu livro ia ser publicado. Bill Thompson, da Wynwood Press, lera os originais e comprara-os imediatamente. Sob a sua orientação, fiz inúmeras revisões e encontrei um novo título, *Tempo de Matar*. Acho que foi o sexto ou sétimo que escolhi. Não sou bom em títulos.

Wynwood imprimiu cinco mil exemplares e publicou o livro em junho de 1989. Vendeu-se bem num raio de duzentos quilómetros da minha cidade, mas foi ignorado pelo resto do mundo. Não houve negociação para a publicação em livro de bolso, nem direitos para outros países. Mas era um primeiro livro e o primeiro livro geralmente é ignorado. Coisas melhores estavam para vir.

Terminei *A Firma* em 1989 e mandei-o a Jay. A Doubleday/Dell comprou-o e, quando foi publicado em capa dura, em março de 1991, a minha carreira de escritor deu uma guinada espetacular. O sucesso de *A Firma* despertou novo interesse por *Tempo de Matar*.

Trata-se de um livro bastante autobiográfico. Deixei a advocacia, mas durante dez anos exerci-a muito à maneira de Jake Brigrance. Representava indivíduos e não instituições financeiras, companhias de seguros ou grandes empresas. Eu era um advogado das ruas. Jake e eu temos a mesma idade. A minha posição era a de defesa nos tempos da faculdade, embora não jogasse muito bem. Muitas das coisas que ele faz e diz são exatamente o que eu acho que faria e diria nas mesmas circunstâncias. Nós dois conduzimos automóveis *Saab*. Ambos sentimos a pressão insuportável nos julgamentos por homicídio, uma coisa que procuro captar no livro. Ambos perdemos o sono por causa de clientes e vomitamos nas casas de banho do tribunal.

Este livro saiu do coração. É um primeiro livro e às vezes perde-se em divagações, mas eu não mudaria uma palavra se me pedissem.

Oxford, Mississippi
30 de janeiro, 1992

CAPÍTULO 1

Billy Ray Cobb era o mais jovem e mais baixo dos dois campônios brancos. Com vinte e três anos, era veterano da Parchman, a penitenciária estadual, tendo cumprido uma pena de três anos. Posse com intenção de venda. Era um vagabundo magro e rijo que tinha sobrevivido à prisão graças a um bom *stock* de drogas, que ele vendia e às vezes dava aos negros e aos guardas em troca de proteção. Depois de sair da cadeia, Billy Ray Cobb prosperou e o seu pequeno negócio de tráfico de drogas elevou-o à posição de um dos mais ricos campônios brancos do condado de Ford. Era um homem de negócios com empregados, obrigações, contratos e tudo, menos impostos. Na revendedora da *Ford* de Clanton, ele era conhecido como o último homem na história recente a pagar em dinheiro vivo por uma *pick-up*. Dezasseis mil dólares em dinheiro por uma *pick-up Ford* de luxo, feita sob encomenda, tração às quatro rodas, amarelo-canário. As rodas cromadas e os pneus faziam parte do acordo de compra. A bandeira rebelde pendurada no vidro traseiro fora roubada por Cobb a um rapaz bêbedo durante uma partida de futebol na Ole Miss. A *pick-up* era o bem mais valioso de Billy Ray. Sentado na traseira da carrinha, a beber cerveja e a fumar um charro, Billy observava o amigo Willard na sua vez de se divertir com a menina negra.

Willard era quatro anos mais velho e dez anos mais burro. De um modo geral era inofensivo, nunca se tinha metido em sarilhos sérios nem num emprego sério. Talvez uma noite na cadeia por causa de uma briga ocasional, mas nada de importante.

Dizia-se lenhador, cortava madeira para a fábrica de papel, até ao dia em que um problema na coluna o afastou das florestas. Sofrera um acidente quando trabalhava numa plataforma marítima, no Golfo,

e recebera uma boa indenização da petrolífera. O dinheiro desapareceu quando a ex-mulher o deixou completamente liso. A sua principal ocupação era trabalhar a meio-tempo para Billy Ray Cobb, que não pagava muito mas era mãos largas nas drogas. Pela primeira vez em muitos anos, Willard podia ter sempre alguma. E ele estava sempre a precisar delas desde o acidente que lhe tinha afetado a coluna.

A menina tinha dez anos e era pequena para a idade. Estava deitada sobre os cotovelos amarrados atrás das costas com uma corda amarela de *nylon*. Tinha as pernas grotescamente abertas, o pé direito amarrado a um pequeno carvalho e o outro à estaca tombada de uma velha cerca. A corda cortava-lhe os tornozelos e o sangue escorria-lhe pelas pernas abaixo. O rosto estava ensanguentado e inchado, com um dos olhos fechado, com o outro via o homem branco sentado na carrinha. Não olhava para o homem em cima dela. Ele arquejava, suave e praguejava. Ele estava a magoá-la.

Quando terminou, ele esbofeteou a menina e riu, o outro homem riu também. Depois, às gargalhadas, os dois rolaram na erva ao lado do carro como dois loucos, gritando e rindo. Ela virou o rosto e chorou em silêncio. Eles tinham-na espancado anteriormente porque ela gritava e chorava. Tinham dito que a matavam se não ficasse quieta.

Cansados de rir, os homens saltaram para a parte de trás aberta da carrinha e Willard limpou-se com a *t-shirt* da menina negra, agora encharcada de sangue e suor. Cobb estendeu-lhe uma lata de cerveja gelada da arca térmica e fez um comentário qualquer acerca da humidade do tempo. Observaram a menina que, depois de emitir alguns sons estranhos e abafados, ficou imóvel. A lata de cerveja de Cobb estava quase vazia e quente, e ele atirou-a, acertando no estômago da criança. A espuma branca espalhou-se por todo o lado e a lata rolou para o chão, ao lado de outras latas vazias saídas da mesma arca de esferovite. Já tinham atirado duas dúzias de latas de cerveja ao mesmo alvo, rindo de cada vez que lhe acertavam. Willard não tinha boa pontaria, mas Cobb tinha. Não costumavam atirar cerveja fora, mas as latas mais pesadas acertavam com maior precisão e era divertido ver a espuma a subir e a espalhar-se.

A cerveja quente misturada com o sangue escuro escorria pelo rosto e pelo pescoço da menina, formando uma poça debaixo da cabeça dela. Ela não se mexia.

Willard perguntou a Cobb se achava que ela estava morta. Abrindo outra lata, Cobb explicou que não estava porque, normalmente, não era possível matar um preto com pontapés, pancadas ou violação. Era preciso muito mais para se acabar com eles, uma faca, um revólver ou uma corda. Embora nunca tivesse tomado parte nesse tipo de assassinio, na prisão havia muitos negros e Cobb sabia tudo sobre eles. Passavam a vida a matar-se uns aos outros e usavam sempre uma arma. Os que eram só espancados e violados nunca morriam. Alguns brancos, espancados e violados, morriam. Mas não os negros. As cabeças deles eram mais duras. Willard ficou satisfeito com a explicação.

Willard perguntou-lhe o que pretendia fazer, agora que já tinham acabado de se divertir com ela. Cobb deu uma passa no charro, bebeu um gole de cerveja e disse que não tinha terminado ainda. Saltou do carro e cambaleou para a pequena clareira onde a menina estava amarrada. Gritou e praguejou a fim de a acordar, depois atirou-lhe cerveja gelada à cara, rindo como um louco.

Ela viu-o dar a volta à árvore à sua direita e depois olhar para o meio das suas pernas abertas. Quando Cobb baixou as calças, ela virou o rosto para a esquerda e fechou os olhos. Ele estava a magoá-la de novo.

A menina olhou para as árvores e viu o vulto de um homem a correr desesperadamente por entre as trepadeiras e o mato alto. Era o pai, aos gritos, a apontar e a correr para a salvar. A menina gritou por ele e ele desapareceu. Ela adormeceu.

Quando acordou, um dos homens estava deitado à sombra da carrinha e o outro debaixo de uma árvore. Os dois dormiam. Os braços e pernas dela estavam dormentes. O sangue, a cerveja e a urina misturados com a terra formavam uma pasta pegajosa que se lhe colava ao corpo e estalava a cada pequeno movimento. Fugir, pensou ela, mas todos os seus esforços só lhe permitiram um pequeno movimento para a direita. Os pés amarrados estavam tão altos que as suas nádegas mal tocavam no chão. Os braços e as pernas dormentes não se moviam.

Procurou o pai entre as árvores e chamou-o baixinho. Esperou e tornou a adormecer.

Quando acordou outra vez, eles estavam de pé, movendo-se ao lado do carro. O mais alto cambaleou para ela com um canivete na mão. Segurou no tornozelo esquerdo da menina e serrou furiosamente a corda até ela ceder. Depois, soltou a perna direita e ela enrolou-se na posição fetal, de costas para eles.

Cobb passou o pedaço de corda de *nylon* por um ramo de árvore e fez um nó corredio na ponta. Segurou na menina, passou o laço pela cabeça dela e caminhou para o outro lado da clareira, com a outra ponta da corda na mão. Sentou-se na porta da carrinha, onde Willard fumava um charro e ria para Cobb, percebendo o que ele ia fazer. Cobb esticou a corda e deu um puxão forte. O corpo pequenino e nu saltou no chão e foi arrastado para debaixo do ramo da árvore. Ela engasgou-se e tossiu, e ele bondosamente afrouxou um pouco a corda para a poupar durante mais alguns minutos. Amarrou a corda no para-choques do carro e abriu mais uma cerveja.

Ficaram ambos sentados na porta a beber, a fumar e a olhar para ela. Tinham passado quase o dia todo no lago, onde o amigo de Cobb tinha um barco e algumas raparigas supostamente fáceis, mas que na verdade eram intocáveis. Cobb fora generoso com as drogas e a cerveja, mas as raparigas não corresponderam. Frustrados, deixaram o lago e seguiram pela estrada, sem destino, até que avistaram a menina. Ela caminhava pela estrada de gravilha com um saco de compras, quando Willard lhe acertou na nuca com uma lata de cerveja.

— Vais fazer isso? — perguntou Willard, com os olhos vermelhos e vidrados.

Cobb hesitou.

— Não, deixo para ti. A ideia foi tua.

Willard deu uma passa no charro, cuspiu e disse:

— A ideia não foi minha. Tu é que és especialista em matar pretos. Faz tu isso.

Cobb desamarrou a corda do para-choques e esticou-a outra vez. Pedacos da casca do galho, arrancados pela corda de *nylon*, caíram sobre a menina, que agora os observava atentamente. Tossiu.

De repente, ela ouviu um ruído — como o de um carro com o tubo de escape livre. Os dois homens voltaram-se rapidamente e olharam para a estrada alcatroada ao longe. A praguejar, agiram rapidamente, um fechando a porta de trás da carrinha, e o outro correndo para ela. Tropeçou e caiu perto da menina. Insultando-se mutuamente,

agarraram nela, tiraram-lhe a corda do pescoço, arrastaram-na até ao carro e atiraram-na para a parte de trás. Cobb esbofeteou-a, ameaçando matá-la se não ficasse deitada e calada no fundo da carrinha. Disse-lhe que a levaria a casa se obedecesse, de contrário, matá-la-ia. Os dois homens fecharam as portas e enfiaram rapidamente pela estrada de terra. Ela ia voltar para casa. Desmaiou.

Cobb e Willard acenaram para o *Firebird* com o escape livre quando se cruzaram com ele na estrada estreita de terra. Willard virou-se para trás a fim de verificar se a menina estava deitada. Cobb entrou na estrada de asfalto e seguiu em frente.

— E agora? — perguntou Willard, nervoso.

— Não sei — respondeu Cobb, também nervoso. — Mas temos de fazer alguma coisa depressa, antes que ela suje de sangue a carrinha toda. Olha para trás, há sangue por toda a parte.

Willard pensou um minuto, enquanto acabava de beber a cerveja.

— Vamos atirá-la de uma ponte — disse, orgulhoso.

— Grande ideia. É mesmo uma puta de uma bela ideia. — Cobb travou de repente. — Dá-me uma cerveja — ordenou.

Willard saiu do carro e pegou nas cervejas na parte de trás.

— Ela sujou de sangue até a arca térmica — informou ele, e a carrinha voltou a partir a toda a velocidade pela estrada.

Gwen Hailey teve um pressentimento horrível. Normalmente, ela teria mandado um dos rapazes ao armazém, mas estavam de castigo a tratar do jardim, por ordem do pai. Tonya já anteriormente tinha ido sozinha ao armazém — a dois quilómetros de casa — sem qualquer problema. Porém, ao fim de duas horas, Gwen mandou os rapazes procurar a irmã. Pensaram que ela devia estar na casa dos Ponder a brincar com as crianças, ou talvez se tivesse aventurado para além do armazém para visitar a sua melhor amiga, Bessie Pierson.

O senhor Bates do armazém disse que ela tinha saído há uma hora. Jarvis, o irmão do meio, encontrou o saco com as compras ao pé da estrada.

Gwen telefonou para o marido na fábrica de papel, a seguir meteu Carl Lee Jr. no carro e começou a percorrer as estradas de terra em volta do armazém. Foi até um conjunto de casas velhas na plantação Graham, para ver se ela estaria em casa de uma das tias. Parou na loja Broadway a dois quilómetros do armazém, e um grupo

de negros velhos garantiu-lhe que não a tinham visto. Gwen vasculhou as estradas de terra em volta da sua casa.

Cobb não conseguia encontrar uma ponte que não estivesse cheia de pretos com canas de pesca. Em cada uma delas havia quatro ou cinco a pescar, com grandes chapéus de palha, e mais alguns debaixo da ponte, sentados em baldes, também com chapéus de palha e canas de pesca, imóveis, a não ser por um ocasional movimento para espantar os mosquitos.

Agora, estava assustado. Willard, completamente bêbedo, dormia e não podia ajudar em nada. Cobb tinha de se desfazer da menina de modo que ela nunca pudesse contar o que tinha acontecido. Willard roncava enquanto ele percorria freneticamente as estradas de terra e de asfalto à procura de uma ponte ou de uma rampa ao lado do rio, onde pudesse parar e atirá-la à água sem ser visto por uma dezena de pretos com chapéus de palha. Olhou pelo retrovisor e viu que ela tentava ficar de pé. Travou bruscamente e a menina caiu no fundo da carrinha, bem por baixo da janela. Willard fez ricochete no painel de instrumentos e escorregou para o chão, onde continuou a roncar. Cobb insultou-os a ambos.

O lago Chatulla não passava de um enorme buraco lamacento feito pelo homem, com uma represa coberta de mato de um quilómetro e meio de extensão numa das extremidades. Ficava no extremo sudoeste do condado de Ford e entrava ainda por alguns hectares no condado de Van Buren. Na primavera, o lago era elevado à posição de maior massa de água do Mississippi. Mas no fim do verão as chuvas já se tinham ido há muito e o sol evaporara a água, secando quase por completo o lago. As linhas das margens, antes ambiciosas, retraíam-se agora, juntando-se praticamente no centro e criando uma bacia profunda cheia de água castanho-avermelhada. Vários regatos, pântanos e riachos alimentavam-no, vindos de todas as direções, além de duas correntes suficientemente grandes para serem consideradas rios. A existência de todos esses afluentes era a razão da construção de várias pontes em volta do lago.

E era sobre essas pontes que a *pick-up* amarela voava, num esforço frenético para encontrar um lugar onde pudesse despejar a passageira indesejável. Cobb estava desesperado. Conhecia mais uma ponte, estreita e de madeira, sobre o Foggy Creek. Ao chegar lá, avistou

mais pretos e mais canas. Seguiu por outra estrada de terra e parou. Abriu a porta de trás da carrinha, arrastou a menina para fora e atirou-a para uma pequena ravina cercada de mato seco.

Carl Lee Hailey não se apressou a voltar para casa. Gwen assustava-se com facilidade e telefonava para a fábrica sempre que imaginava que uma das crianças fora raptada. Ele marcou o ponto à hora habitual e, como sempre, fez em trinta minutos o percurso da fábrica até casa. Ficou preocupado quando viu o carro da polícia parado na frente do alpendre. Os carros da família de Gwen estavam espalhados na frente da casa e no jardim e havia lá um que ele não conhecia. Tinha canas de pesca a sair pelas janelas e pelo menos sete chapéus de palha lá dentro.

Onde estavam Tonya e os rapazes?

Quando abriu a porta, ouviu o choro de Gwen. À sua direita, na pequena sala de estar, viu um grupo de pessoas em volta de alguém deitado no sofá. A criança estava coberta com toalhas e rodeada pelos parentes que choravam. Quando Carl Lee chegou perto do sofá, o choro parou e todos recuaram. Só Gwen ficou, acariciando o cabelo da filha. Ele ajoelhou-se ao lado do sofá e tocou no ombro da menina. Falou com Tonya e ela tentou sorrir. O seu rosto era uma massa informe e sangrenta, cheia de equimoses e de golpes. Os dois olhos estavam fechados e sangravam. Os olhos dele encheram-se de lágrimas ao olhar para o corpo pequenino enrolado em toalhas e a sangrar desde os tornozelos até à testa.

Carl Lee perguntou a Gwen o que tinha acontecido. Ela começou a tremer e a chorar alto e o irmão levou-a para a cozinha. Carl Lee levantou-se e perguntou aos parentes o que tinha acontecido.

Silêncio.

Ele perguntou pela terceira vez. O agente da polícia, Willie Hastings, primo de Gwen, adiantou-se e explicou-lhe que alguns homens estavam a pescar no Foggy Creek e tinham avistado Tonya caída no meio da estrada. Ela dissera o nome do pai e eles tinham-na trazido para casa. Hastings calou-se e baixou a cabeça.

Carl Lee olhou para ele e ficou à espera, enquanto todos na sala continham a respiração e olhavam para o chão.

— O que aconteceu, Willie? — gritou Carl Lee, fitando o polícia.

Hastings falou devagar e, a olhar pela janela, repetiu o que Tonya contara à mãe acerca dos dois homens brancos e da *pick-up*, da corda e das árvores e de como a tinham magoado quando a violaram. Parou de falar ao ouvir a sirene da ambulância.

Todos saíram para o alpendre e olharam gravemente para os homens que retiravam a maca da ambulância e se dirigiam à casa.

Os paramédicos pararam no jardim quando a porta se abriu e Carl Lee apareceu com a filha nos braços. Sussurrava-lhe palavras carinhosas e as lágrimas caíam-lhe queixo abaixo. Dirigiu-se à porta de trás da ambulância e entrou. Os paramédicos fecharam a porta cuidadosamente e tiraram-na dos braços do pai.